

PADRE CARLOS ESTERMANN: MISSIONÁRIO E ETNÓLOGO NO SUDOESTE DE ANGOLA (1957)

INÊS ALMEIDA SILVA OLIVEIRA¹
WASHINGTON SANTOS NASCIMENTO²

RESUMO

Este trabalho trata de uma abordagem acerca da trajetória missionária do padre Carlos Estermann, membro da Congregação do Espírito Santo, que atuou no Sudoeste de Angola nos anos de 1924 a 1976. Durante sua ação missionária, Estermann manteve o interesse em desenvolver relações de contato com as sociedades endógenas dos respectivos territórios, a fim de conhecer os usos e costumes, pois para ele, a etnografia era vista como um importante instrumento para subsidiar o projeto de evangelização. Desta forma, se dedicou a estudar e pesquisar sobre os povos habitantes os quais pretendia catequisar. Como aporte metodológico faremos uso da obra etnográfica de Estermann: *Etnografia do sudoeste de Angola*. Vol. 2 (Estermann, 1957) e a revisão bibliográfica de artigos e dissertações, a fim fundamentar nossa discussão.

Palavras-chave: Estermann; etnografia; missões; culturas; povos.

ABSTRACT

This work deals with an approach to the missionary trajectory of Father Carlos Estermann, a member of the Congregation of Espírito Santo, who worked in the Southwest of Angola from 1924 to 1976. During his missionary activity, Estermann maintained an interest in developing contact relationships with the endogenous societies of the respective territories, in order to know the uses and customs, since for him, ethnography was seen as an important instrument to subsidize the evangelization project. In this way, he dedicated himself to studying and researching the populations that he intended to catechize. As a methodological contribution, we will make use of Estermann ethnographic work: *Ethnography of southwestern Angola*. Vol. 2 (Estermann, 1957) and the bibliographical review of articles and dissertations, in order to support our discussion.

Keywords: Estermann; ethnography; missions; cultures; peoples.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada: “Em torno dos Humbi e do boi sagrado: atuação e vivências do padre Carlos Estermann no Sudoeste angolano (1957). Sabe-se que os missionários desenvolveram relevantes estudos sobre as populações locais, neste sentido, buscamos discorrer acerca da atuação de Estermann no contexto em que produziu suas etnografias, interessado

¹ Licenciada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (2003). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciência e Letras de Candeias-FAC; Pós-graduada em Educação Especial-Faculdade de Tecnologia e Ciências de Jequié-F. T.C: Pós-graduada em Neuropedagogia pelo IESTE-Instituto de Educação Social e Tecnológico; Mestranda do curso em Relações Étnicas e Contemporaneidade, pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE), da Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié – BA. E-mail: inesalmeidak11@hotmail.com.; cel. 73 98841-0727; Endereço: Av. Domingos Fioravante, 505, Distrito Stela Dubois, Jaguaquara-Ba.

² Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2003). Especialista em Memória, História e Historiografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2006). Especialista em Educação Superior pelas Faculdades Internacionais de Curitiba FACINTER (2004). Mestre em Ciências Sociais: Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2008). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP (2013); E-mail: washingtonprof@gmail.com. Cel. (21) 98531-0117.

em conhecer os costumes e práticas tradicionais das comunidades agropastoris.

Estermann se destacou por ser um missionário/etnólogo, durante sua trajetória, estabeleceu relações próximas com os grupos que desejava evangelizar e civilizar, uma vez que os missionários tinham essa dúplice tarefa, a qual deveria atender aos interesses do colonialismo português.

Acreditamos que a presença missionária de Estermann nas colônias do Ultramar português, representou não apenas o propósito proselitista, mas suas investigações sobre as culturas locais, constituem um legado para pesquisadores e futuras gerações acerca dos aspectos culturais que caracterizam a vida das sociedades endógenas do Sudoeste de Angola.

BREVE OLHAR SOBRE A BIOGRAFIA DE CARLOS ESTERMANN

A historiografia acerca das missões religiosas no Sudoeste de Angola e em África, destaca a presença do padre Carlos Estermann e suas contribuições na vida política, práticas religiosas e socioculturais das sociedades com as quais manteve contato durante cinquenta e quatro anos, tempo que permaneceu nas regiões anteriormente mencionadas³.

Observa-se que Estermann, foi um missionário/etnógrafo que se empenhou nesta dúplice missão, para tanto, para aproximar-se das culturas e costumes das sociedades endógenas, o conhecimento da língua dos habitantes locais, tornou-se uma ferramenta importante tanto para as missões quanto para seus estudos etnográficos.

Nascido em Illfurth, no Alto Reno, região da Alsácia, na França em 1896. A trajetória de vida de Estermann foi marcada por diferentes conflitos. De acordo Silas Fiorotti (2012), durante a Primeira Guerra Mundial foi mobilizado pelo exército alemão e incorporado aos serviços de saúde, ferido em combate e conduzido para Manchester, na Inglaterra. Com o término da guerra, finalizou os estudos filosóficos e, em seguida, deu início aos estudos de Teologia, no Seminário da Congregação do Espírito Santo, em Paris.

Segundo Francisco Valente (2002), terminadas as etapas de formação para o sacerdócio, Estermann foi ordenado padre espiritano no dia 28 de outubro 1922.

³ Historiografia do século XIX e início do século XX acerca das Missões em Angola no período colonial.

O primeiro destino designado para atuar nas missões, foi em Mupa (uma vila localizada na província do Cunene, pertencente ao município de Cuvelai), logo após que concluiu seu curso de Teologia. Neste período, tinha vinte e sete anos e completaria vinte e oito em Lisboa, onde passou o tempo de espera para embarcação.

Há de recobrar, que atuar nas missões angolanas foi um pedido manifestado por Estermann, pois, para ele, estar em contato com os diferentes povos, culturas, costumes e línguas seria a realização de sua vocação missionária. Em Mupa, ele permaneceu até 1928. Em seguida, foi enviado para fundar a missão de Omupanda, situada na cidade de Cuanhama, na região também de Cunene. Ali perdurou até o ano de 1932.

Prosseguindo a trajetória missionária, de acordo Silas Fiorotti (2012), Estermann fora designado para assumir a direção das missões da Chela e do distrito religioso do Cunene, substituindo o Padre Benedito Mário Bonnefoux. Neste mesmo período, escreveu e publicou o artigo *Zeitschriftij für Ethnologie* (Estermann, 1983, v.1, pp. 97-105) na revista *Ropéene*.

Fiorotti (2012), ressaltou que em 1934, Estermann decidiu instalar-se em Sá da Bandeira, atualmente Lubango, na Huíla, onde passou a residir, ali dedicou-se aos estudos dos povos autóctones e produziu três artigos intitulados: *Le Twa du sud-ouest de l'Angola*, *La tribu Kwanyama en face de la civilisation européenne* e *Les forgerons Kwanyama* (*ibidem*, v. 1, pp. 77-89, 117-128 e 129-135), publicados pelas revistas *Anthropos*, *Africa* e *Bulletin de Societé Nushateloies Géographie*.

De acordo Manuel Nunes Gabriel (1978), em 1940 depois do Acordo Missionário, com a extinção das prefeituras apostólicas e das missões independentes, surgiu a criação das novas dioceses⁴. Estermann foi eleito superior religioso do distrito de Nova Lisboa, atualmente Huambo, onde permaneceu como superior até 1955.

Com a criação da diocese de Sá da Bandeira, ele foi designado para ocupar o cargo de vigário geral. Sua ocupação missionária não o distanciou dos estudos etnográficos, assim, entre as décadas de 1940 e 1950, desenvolvendo uma ampla produção bibliográfica nos respectivos anos.

⁴ O Acordo Missionário foi um pacto firmado entre a Santa Sé e o Governo Português com a finalidade de regular as relações entre a Igreja e o Estado concernentes à vida religiosa no Ultramar Português.

O tempo dedicado às missões nestes territórios perdurou por cinquenta e quatro anos, terminado apenas quando do seu falecimento em 1976, na cidade do Lubango. Sua trajetória fora marcada pela busca incessante do conhecimento etnográfico produzido por ele acerca das populações locais, predominantemente Bantu, identificadas por Estermann pelas terminologias de ambó ou ovambo, nhaneca-humbe e herero do Sul de Angola.

Como salienta Iracema Hilário Dulley (2010), Estermann foi o primeiro *doutor honoris causa* da Universidade de Lisboa, reconhecido por suas inúmeras obras acerca dos estudos etnográficos, especialmente sobre os habitantes locais da parte meridional angolana, mesmo que suas pesquisas tenham se inclinado para uma visão generalista. Estermann acreditava que para o bom êxito das missões seria necessário conhecer os costumes e hábitos dos povos que desejava evangelizar, assim afirmava que a “etnografia [era] uma ciência subsidiária do apostolado, que nenhum missionário digno deste nome pode ignorar” (ESTERMANN, 1941, p. 13).

A narração acerca da biografia de Estermann, nos permite observar uma trajetória e nacionalidade, marcada por traços e marcadores fronteiriços, um homem que soube lidar com as fronteiras territoriais e, que diante das diferentes relações de contato, soube aproveitar das diferenças reveladas nas interações sociais e religiosas para aprimorar estratégias para evangelização.

Sabe-se que o conhecimento de valores culturais, religiosos e padrões sociais são marcadores que ajudam no processo de identificação dos sujeitos e grupos, desse modo, podemos pensar nas etnicidades e nas diferenças produzidas a partir das interações sociais vividas por Estermann nos distintos espaços por onde ele passou enquanto missionário.

Compreende-se que a fronteira “étnica” pode ser vista como uma coisa possível de ser transportada, pois ela é fluída e capaz de transpassar os limites territoriais e identitários, visto que ao atravessar as fronteiras, os grupos ou sujeitos estão propensos às mudanças. Com base nessa discussão, pode-se dizer que Estermann é um homem de fronteiras, um sujeito envolvido por diferentes territórios, culturas e costumes.

Estermann, ao atravessar as fronteiras tanto territoriais quanto culturais, não se apresentou como um alsaciano, mas como missionário, reforçando o sentimento de pertença e identidade missionária, neutralizando desta forma, qualquer

atribuição de pertencimento a um determinado grupo “étnico.”

Nessa perspectiva, pensar em Estermann como um homem de fronteiras, que fez diversos deslocamentos para estar diante do outro e das diferentes culturas para realizar o projeto missionário, não o transforma em “herói”, porque as fronteiras são consequências dos movimentos e constituídas por meio das relações sociais.

Essa discussão nos fez puxar os fios condutores deste diálogo para compreender os processos relacionais vividos por Estermann e os encontros com os Humbi e diferentes grupos sociais do Sudoeste angolano, pensados a partir da compreensão do conceito de etnicidade, compreendido por meio de um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, cujos membros apresentam signos e traços semelhantes e/ou dessemelhantes, que se movem e se transformam nas relações sociais.

Observa-se que a identidade “étnica” e a etnicidade se apresentam como algo em movimento, impulsionadas por sentimentos e afetividades em torno das interações sociais cotidianas. Uma relação que perpassa a interação entre o nós e eles, vistos como designações de identificação complexa. De acordo Flores, são as relações, que “definem exatamente as nossas experiências e as nossas imaginações sobre as experiências que não são nossas e que, por isso mesmo, estranhas a nós, são dos outros” (FLORES, 2011, p.5).

UM MISSIONÁRIO EMPENHADO NA PROMOÇÃO DOS POVOS

“É que ser missionário, envolve o conhecimento geral e completo, na medida do possível, dos povos a evangelizar, da vida e do ambiente em que vivem”. (ESTERMANN apud VALENTE, 2002, p. 69).

O padre Valente (2002), narrou a chegada do padre Carlos Estermann no Sudoeste angolano para atuar nas Missões da Mupa, sobre essa circunstância, transcreveu algumas informações relatadas pelo também missionário espiritano, o Monsenhor Keiling, as quais foram enviadas para a sede da Congregação Espiritana, cujos relatos apresentam a trajetória dos missionários nos territórios angolanos.

Ao chegar nas estações missionárias, Estermann declarou que naquele momento se abria um amplo campo de evangelização, ressaltou que “com o conhecimento da língua e seu aprofundamento por um estudo sério, encontrou a chave da penetração. Se houvesse catequistas capazes, para colocar nas aldeias

'indígenas', o trabalho avançaria com rapidez. Isto virá com o tempo" (ESTERMANN apud VALENTE, 2002, p. 73).

Estermann estabeleceu o primeiro contato com os grupos e seus membros, ocupando-se desde o início com a catequese e a "conversão" dos autóctones, pois um "apaixonado não conta nem horas nem dias. Os dias parecem-lhes minutos, os anos parecem dias" (ESTERMANN apud VALENTE, 2002, p. 74). E foi movido por essa dinâmica que Estermann passou quatro anos na Missão da Mupa, catequisando e participando das viagens missionárias.

Segundo Valente (2002), até então, Mupa era a única missão católica do Cuanhama. A Oeste da Mupa, encontravam-se diferentes gentes, perto das margens do Cunene, como os Va-Handa e núcleos de pigmeus. Os missionários se aproximaram destes povos com a finalidade de introduzir a mensagem do Evangelho, ao mesmo tempo em que desejavam desenvolver estudos e pesquisas acerca dos hábitos e costumes destes grupos com os quais estabeleciam contato.

A primeira ação de Estermann deveria ser a de aproximação das culturas e sociedades locais para possuir um conhecimento amplo, também acerca dos ambientes e de suas plantas. Neste sentido, os missionários teriam propriedade para falar da história e da cultura dos povos do Sudoeste angolano, e assim, a partir destes aspectos, ganhar-lhes a confiança e atuar no projeto missionário, "Ciência impele à Ciência. É que, ser missionário, envolve o conhecimento geral e completo, na medida do possível, dos povos a evangelizar, da vida que levam e do ambiente em que vivem" (ESTERMANN apud VALENTE, 2002, p. 67).

Sabe-se que os missionários espiritanos exerceram um importante papel enquanto pesquisadores das culturas e tradições das sociedades angolanas. Foram várias as contribuições nos aspectos geográficos e botânicos relevantes para as pesquisas em Angola. Neste sentido, pode-se afirmar que dentre os padres espiritanos, Estermann ganhou destaque por sua dedicação aos estudos e pesquisas etnográficas e por ser um etnógrafo colonial que estrategicamente buscou unir à sua caminhada missionária as atividades de cunho científico.

Oliveira (2020), ressalta que Estermann, quando pensado a partir de suas produções etnográficas, ganhou notoriedade e reconhecimento por parte das instituições responsáveis pela promoção cultural e científica da época, chegou ao alcance do Instituto de Investigação Científica de Angola (I.I.C.A.), com sede em Luanda, tornou-se membro-colaborador da Divisão de Etnologia e Etnografia.

De acordo Dulley (2010), o reconhecimento de Estermann não foi apenas em Angola, mas também em Portugal, cujas homenagens foram realizadas a seu favor, como constam os registros coloniais e da própria Congregação dos Espiritanos. Oliveira (2020, p. 36) ressalta que “isto denota a inserção do missionário espiritano na vida intelectual e política de Angola no período em questão.”

Participavam destes encontros, tanto políticos, quanto os administradores locais, os quais mantinham relações próximas com Estermann e o estimavam por suas obras missionárias e etnográficas. Nestes momentos, o padre fazia uso da palavra e reafirmava sua dedicação e empenho em produzir um saber sobre as populações locais, a fim de adquirir conhecimento para o projeto de evangelização considerados por ele como elementos imprescindíveis para o bom desempenho de seu trabalho missionário.

Ao se aproximar dos grupos e de suas culturas, Estermann confessava que os encontros eram marcados por “receptividade”, pois quando os missionários chegavam as localidades, havia todo um ritual para recepcioná-los. “As visitas dos missionários eram acompanhadas de um cerimonial de boas-vindas que incluía cânticos, vivas e discursos” (DULLEY, 2010, p. 63).

Nesta perspectiva, entende-se que Estermann desenvolveu relação de contato com diferentes sociedades, buscando identificar os elementos culturais dos povos observados, pois desta maneira, seria possível criar estratégias para o avanço do projeto de evangelização.

Ressaltamos, contudo, que o conhecimento dos aspectos socioculturais e típicas dos grupos autóctones, obtido pelos missionários, seria utilizado como dispositivos de subalternidade e dominação europeia sob as sociedades endógenas do Sudoeste angolano e seus respectivos territórios.

Os *Ovimbundu*, foram descritos nas obras espiritanas e identificados como povos profundamente amáveis, acolhedores e abertos à evangelização. A partir do contexto narrado pelos espiritanos, há de se pensar até que ponto o ambiente amistoso fora (im)posto pelo poder colonial português às populações locais, submissas ao cristianismo e ao projeto civilizatório europeu.

Foi neste contexto, que os missionários de maneira geral, assim como Estermann, se valeram para usar instrumentos e estratégias de aproximação. Com o conhecimento dos costumes locais, identificaram o onjango como um ambiente propício para desenvolver as atividades missionárias e oportuno para se aproximar

dos grupos.

Dulley (2010), salientou que as etnografias do começo do século XX, apresentaram o *onjango* como o lugar que ocupava centralidade na vida da comunidade, destacava-se por ser o espaço da sociabilidade masculina, também local sagrado para as famílias. Após as refeições cotidianas, os grupos se encontravam para o momento de afabilidades, onde o ato de contar histórias, caracterizava o *onjango*.

Creemos que o movimento missionário e a atuação de Estermann nos diferentes âmbitos do contexto do Sudoeste angolano, assim como sua participação na vida cotidiana dos grupos, estivera amparada pelos privilégios concedidos pelo Governo Português aos missionários católicos, fato que favoreceu a ação evangelizadora dos missionários espiritanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido por Estermann no universo da missionação e dos estudos etnográficos acerca dos grupos sociais do Sudoeste de Angola nos permite chegar ao entendimento de que as missões foram atividades relevantes e impactantes na vida destes habitantes e do próprio missionário.

Uma encruzilhada entre os povos locais e estrangeiros, identidades e culturas transitadas no campo simbólico e subjetivo dos aspectos religiosos cristãos imbricados nas crenças e cultos locais. Como ressalta Teixeira (2016), o missionário e antropólogo foi um sujeito que estudou cientificamente as distintas comunidades habitantes do Sudoeste angolano, demonstrando, por meio de suas pesquisas, o caráter heterogêneo e distinto das culturas e costumes localizados naquelas regiões.

Efetivamente, Estermann se destacou no campo missionário, porque soube incorporar à sua obra evangelizadora as pesquisas e estudos etnográficos sobre os povos que desejava catequisar, desenvolveu contato prolongado com os diferentes grupos do Sudoeste de Angola, dedicou-se em observá-los e produziu relevantes artigos sobre os diversos aspectos da cultura e costumes locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DULLEY, Iracema. **Deus é feiticeiro**: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial. São Paulo: Annablume, 2010.

ESTERMANN, Carlos. (1941). Contribuição dos missionários do Espírito Santo para a exploração científica do sul de Angola. **Boletim Geral das Colônias**, Porto, Ano XVII, n.º 196, p. 3-15, outubro de 1941.

ESTERMANN, Carlos. (1957). **Etnografia do sudoeste de Angola**. Vol. 2: grupo étnico nhaneca-humbe. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

FLORES, Elio Chaves. **Nós e eles: Etnia, etnicidade, etnocentrismo**. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa- PB.2011.

FIOROTTI, S. "**Conhecer para converter**" ou algo mais? leitura crítica das etnografias missionárias de Henri-Alexandre Junod e Carlos Estermann. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2012.

GABRIEL, M. N. (1978). **Angola, cinco séculos de cristianismo**. Queluz: Literal.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Nos bastidores da missão**: produção de conhecimento e trânsito intelectual do padre Carlos Estermann na Província de Angola (1935-1970). Recife: Edupe, 2020. E-book (149 p.) ISBN: 978-65-86413-25-0. Disponível em: <http://www.edupe.com.br>. Acesso em 3 de novembro 2020.

VALENTE, José Francisco. (2002). **P. Carlos Estermann**: Grande Missionário e Etnólogo do Sul de Angola. Missão Espiritana, 1(1). <https://dsc.duq.edu/missaoespiritana/vol1/iss1/9>.